

## **DOCUMENTOS E MEMÓRIAS: PRESENÇA DE PROFESSORAS NEGRAS NO VALE DO GUAPORÉ NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Paulo Sérgio Dutra - IE- Instituto de Educação – UFMT [paulo.afropop@gmail.com](mailto:paulo.afropop@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho é desenvolvido junto à Linha de Pesquisa: Culturas, Memórias e Teorias da Educação do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso. Seu objetivo é analisar a memória, o percurso da escolarização e a atuação das professoras negras na instrução pública do Vale do Guaporé no período compreendido entre 1910 a 1935. A partir das fontes históricas, iconográficas e relatos orais pretende-se revisitar a história da educação do Vale do Guaporé para entender a memória dessas professoras. Utiliza-se, ainda, trabalhos acadêmicos realizados sobre professoras negras que atuaram no Vale do Guaporé no início do século XX e documentos oficiais da época. Esta pesquisa traz algumas indagações acerca do período em que as professoras negras receberam a instrução para atuar nas escolas da região. Tais indagações referem-se ao percurso das professoras negras como alunas, assim como as suas práticas pedagógicas e relações com a comunidade. Os documentos registram a presença de adolescentes negras, que foram educadas em instituição religiosa mantida pelo frade franciscano Dom Francisco Xavier Rey e que passaram a atuar como professoras e agentes de saúde na região.

**Palavras-chave:** Professoras negras. Memória. Práticas pedagógicas.

O presente trabalho pauta-se nos relatos das professoras negras que atuaram na instrução pública nas escolas criadas no Vale do Guaporé na Primeira República, investigando o percurso da sua escolarização, compreendendo o papel dessas professoras negras, à luz da instrução pública, analisando os valores, expressões e práticas cotidianas que fizeram parte da construção de sua identidade, tanto no que diz respeito às experiências individuais, como atuações e vivências no exercício da profissão de professoras na sociedade guaporeana.

Para tratar desta questão optou-se pela entrevista semi-estruturada a princípio, e num segundo momento pela entrevista estruturada para esclarecer alguns pontos percebidos que precisam melhor ser esclarecidos. Entende-se, que a utilização de fontes documentais/orais, abre possibilidade de recuperação de experiência dos sujeitos sociais, que por muito tempo, ficaram invisíveis como sujeitos históricos.

A confrontação de fontes documentais/orais pode dar à história uma penetração muito mais significativa, referente aos fatos, na medida em que propõe estudar seus atores de perto, registrando suas histórias, suas opiniões e ações; ainda que essas ações possam estar sujeitas à descrição defeituosa, a sua grande contribuição, sem dúvida alguma, é que dá à história essa dimensão muito mais rica, viva e comovente. Em virtude de tudo isso, amplia-se o campo de ação da própria história. Para Bosi,

(...), mas sobretudo os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, recuperação do feito e do ido, não sua mera repetição. 'O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seu coetâneos, em testemunhos escritos e orais, *investiga, pesquisa, confronta* esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer'.(BOSI, 1994, p. 20-21).

O sujeito ao relembrar vai redescobrir sua história, histórias e emoções vivendo um momento em que faz a ciência, tratando a memória e a oralidade como veículos de reconstituição do que foi experienciado.

A busca incessante da definição conceitual da história oral tem representado desafio maior na definição do seu campo de ação. Não pode ser considerada história oral qualquer forma amadora de captação de entrevista, por exemplo, pois a “história oral é mais do que arquivo de gravação” (BOM MEIHY, 1994, p. 35).

Quando se decidiu pesquisar sobre a presença e a atuação de professoras negras nas escolas criadas no Vale do Guaporé na primeira república, propôs-se responder algumas indagações acerca do período em que as professoras negras receberam a instrução e atuaram nas escolas da região do Vale do Guaporé. O percurso dessas professoras negras como alunas nas escolas do Vale do Guaporé para o exercício do magistério durante a Primeira República tendo em vista as articulações de suas vidas pessoais na condição de

afro descendentes, o papel da sociedade naquele momento em relação à escolarização dos negros e as lembranças das alunas. Isto significava que aquela formação recebida como docente era para o engajamento na sociedade e a atuação profissional.

Para se chegar à época em que as mulheres negras receberem instrução para atuarem como professoras é necessário uma descrição da região tanto política como física onde se localiza o espaço geográfico que foi a arena da protagonização dessas agentes em face as necessidades de se aprender a ler e escrever. O vale do Guaporé estende-se, desde o noroeste mato-grossense tendo como marco principal o Rio Guaporé que nasce na extremidade setentrional da Serra dos Parecis em Mato Grosso, seu curso tem um total de 1.717 km sendo 1.500 navegáveis que corre em direção ao norte do Brasil, onde encontra-se o rio boliviano Beni e forma o Rio Mamoré. Tanto os rios Guaporé e Mamoré são divisores da fronteira entre Brasil e Bolívia. A extensão das terras guaporeanas são formadas por bases sedimentares integrando o relevo do Vale do Guaporé destacando-se as Serras dos Parecis e Pacaás Novos.

## **1 - A ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Foram criadas duas escolas, uma em Guajará-Mirim, e outra em Ilha das Flores, essas escolas constituíam-se em formar educadoras para “*suprir as comunidades*” como relatou uma informante. A escola era organizada a princípio com carteiras e bancos construídos a partir das caixas de madeiras que vinham com alimentos e materiais, havia dormitórios, refeitórios e salas de aulas. Em 1933, a escola para internas começou a funcionar recebendo as meninas que vieram de diversas partes do Vale do Guaporé. O número chegou a trinta meninas e completaram a classe com duas adolescentes de Guajará-Mirim e um da estrada de Ferro somando trinta e três alunas.

O Colégio de Guajará-Mirim foi fundado {...}, mas às meninas pobres muitas delas negras. A proposta de educação do Colégio Santa Terezinha, além dos ensinamentos básicos, capacitava meninas para serem, líderes nas suas comunidades, agentes de saúde, para prestar pequenos socorros e fazer atendimentos primários (GONÇALVES. 2000. p. 46)

Gonçalves afirma que, esta escola foi de extrema importância para a formação das alunas e futuras educadoras das escolas nas povoações do Vale do Guaporé.

O Colégio Santa Terezinha instrumentalizava através da educação essas meninas, de acordo com as informações da declarante as meninas que vinham estudavam de 1ª a 5ª série e Dom Rey devolvia essas meninas para cada comunidade para atuarem no aprendizado das primeiras letras.

Para Limoeiro foi a irmã da Isabel, que se chamava Paula Oliveira, para Pedras Negras foi Eremita Cordeiro e Estela (o nome dela, não me lembro o sobrenome) depois ela se casou e ficou como Estela Casara, mas na época era outro nome..Madeira. Ficaram em Pedras Negras, ficaram duas em Pedras Negras disse que tinha mais habitante, lá em Rolim de Moura do Guaporé, porque é dois Rolim de Moura, o do Guaporé é de muitos anos, no do Guaporé ficou Antônia Quintão que era filha de lá, a família dela está ai, aqui em frente agente tem uma Quintão lá esquina tem outra, então Antônia Quintão ficou em Rolim de Moura do Guaporé, lá em Carvalho Ficou a Belmira não sei ela ainda é viva, lá em Vila Bela ficou uma chamada Verena não sei o sobrenome, mas me parece que era Nobre... (depoimento de uma professora da época, agosto de 2008)

Em 1935, Dona Pretinha adoeceu, viajou para Manaus e vieram as primeiras religiosas para dar continuidade ao trabalho de Dom Rey. O bispo comprou um terreno ao lado da escola para ampliar o colégio. A nova construção foi um barracão construído de madeira e coberto de tabuinhas.

## **2 - AS PROFESSORAS**

As adolescentes vindas de muitas localidades a beira do Guaporé se formaram professoras e foram designadas para lecionar em muitas dessas localidades, educando os futuros comerciantes, funcionários públicos e núcleos familiares.

A entrevista com muitas das ex - alunas revelou que essas aprendiam Matemática, Português, Geografia e História do Brasil, desenho e geometria, uma das informantes destaca o aprendizado de regras de três, as freiras eram responsáveis em lecionar essas determinadas disciplinas. As professoras do Vale do Guaporé estavam reunidas em famílias de irmãs professoras, ex-alunas que substituíram suas professoras, outras que exerceram a profissão fazendo suas sucessoras, algumas se aposentaram e outras depois de

exercer a docência nas esferas: federais, estaduais e municipais retardaram a chamada aposentadoria negando-se, cair no esquecimento e querendo eternizar aquilo para o qual foram formadas nas primeiras turmas “ser professoras”.

Essas professoras que estudaram no Colégio Santa Terezinha em 1932 relatam diversas situações que vivenciaram antes de entrar na escola sobre o desejo de aprender e que faziam com que estas utilizassem meios naturais para experimentar o aprendizado na ausência de materiais pedagógicos para o exercício da escrita.

Então, eu aprendi a dividir como eu tinha dito, na areia com minha irmã e depois, eu não sabia a separar as sílabas, eu aprendi na areia, ele (um primo) foi me ensinando, foi só uma aula, ai eu aprendi a separar as sílabas ai um primo meu passou lá, eu era assim quando via uma pessoa que sabia mais do que eu, eu ia perguntando, perguntando ai eu perguntei para ele assim. – Como é que faz separar as sílabas? Ai ele, me ensinou a separar as sílabas, uma aula só bastou, ai eu fiquei fazendo exercícios e a minha irmã a Basília corrigindo e como eu disse a Patrícia, sabe? Depois disso, eu mandava quando o barco subia, pois o Guaporé era muito movimentado, era transitado pelo Barco de Serviço de Navegação que era do governo e também pelos barcos dos seringalistas bolivianos e brasileiros, então era barco para lá e barco para cá e como a nossa casa ficava num ponto estratégico... (depoimento de uma professora da época)

No depoimento percebe-se a solidariedade na família em ajudar no aprendizado mesmo com a distância entre Costa Marques e Pedras Negras não havia impedimento para que as irmãs deixassem de buscar fortalecer os laços e contribuir com a aprendizagem uma das outras. Na obra que produziu a respeito de uma das professoras formadas na escola de Dom Rey, Gonçalves afirma que,

A educação escolar passou a ter significado social na vida comunitária, de tradição oral.  
Saber ler, escrever e fazer contas passou a ser um projeto educativo valorizado na comunidade, cultivando certo orgulho do saber escolar.  
Verena era uma professora da comunidade, preocupando-se não apenas com a formação intelectual dos seus alunos, mas também com a “formação de atitudes valorizadas na comunidade” (GONÇALVES, 2000, p. 51-52)

Na infância das meninas negras do Vale do Guaporé a presença das primeiras professoras aguçava a curiosidade e o desejo em tornarem-se professoras num

futuro não muito distante, pois muitas se tornavam professoras ainda aos 14 anos, então no faz de conta uma depoente dizia eu era.

... e a gente viu as professoras. Patrícia, Angelina, que são minhas irmãs, Basília e eu, éramos quatro meninas seguidinhas umas das outras (...) e a gente brincava de ser professora, cada uma correspondia a uma professora, agente pegava o cobertor, lençol enrolava assim e fazia saia comprida, eu sou Antônia Quintão, a outra era Eremita, a outra era aquela casada que falei... Estela Casara, a outra era Verena e assim por diante e a gente brincava e tinha aquele desejo de ser professora, então foi uma vocação que nasceu desde criança eu não tinha nem 7 anos ... (depoimento de uma professora da época)

No Vale do Guaporé as professoras foram evangelizadoras, leitoras de cartas, conhecedoras e mantenedoras dos segredos de muitas pessoas e que às vezes nem os padres sabiam. Como ocupavam um lugar de destaque dentro da sociedade guaporeana muitas vezes, algumas delas foram indicadas como prefeitas, para substituir o prefeito quando ausente, como juíza de paz nas decisões de divórcios, batizados e casamentos, como secretária de educação e como conselheira da comunidade. As mulheres negras e professoras da sociedade guaporeana contradiziam o que de acordo com Perrot (2007) os gregos e romanos pensavam,

Mas o silêncio mais profundo é do relato. O relato da história constituído pelos primeiros historiadores gregos ou romanos diz respeito ao espaço público: as guerras, os reinados, os homens “ilustres”, ou então os “homens públicos”. O mesmo ocorre com as crônicas medievais e as vidas de santos: fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam a virgindade e rezam.. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa. (...) É preciso ser piedosa ou escandalosa para existir. (PERROT, 2007, p. 18)

Para as mulheres e professoras do Vale do Guaporé em sua trajetória, a doação era o que contava, transformar o mundo do outro, ensinar-lhes as primeiras letras, ensinar lhes um ofício, intervir quando necessário.

Nas observações realizadas no ato da transcrição das entrevistas, notou-se que as informações reunidas foram exatamente de quatro gerações de educadoras, mesmo que o período da pesquisa restrinja a falar sobre as primeiras professoras nas primeiras décadas o

século XX, foi possível identificar gerações de educadoras formando justamente a educação na sociedade guaporeana.

Constatou-se também que as professoras não mediam esforços, para onde fossem destinadas iam trabalhar, nos momentos da entrevista, não se notou, nem em suas falas, nem mesmo nas expressões faciais, descontentamento algum, em exercer a docência neste ou naquele lugar se distante ou não.

### 3 - O PRECONCEITO

As professoras entrevistadas deixaram claro, as tensas relações raciais cotidianas, às vezes com brasileiros, por vezes com bolivianos, ora com as companheiras de sala de aula e até mesmo com as religiosas. Essas relatam os discursos, descrevem as expressões e não escondem as decepções. Segundo as declarações feitas pela informante as situações eram evidentes:

Ai quando eu cheguei ao colégio ai eu vi aquelas meninas claras, ainda mais elas eram assim, as que eram do Guaporé elas trabalhavam, mas não tinha dinheiro, elas não pagavam o colégio. Pagavam, mas era com trabalho que pagavam. As pequenas, o trabalho delas não dava para cobrir, faziam algumas coisinhas né, mas quem era adulta como eu trabalhava a manhã todinha e estudava a tarde e a tarde quando saia ainda tinha umas coisas para fazer, então eu vi a minha irmã mais nova Prudência que mora lá em Brasília, ela chegou e ela era danada sabe? Ai as irmãs mandavam aquelas que iam socar o café, que os pais mandavam o café que vinha em palha, eram sempre as negras que iam limpar o galinheiro, a privada, eram sempre as negras e a minha irmã pequena que agente trouxe ela, foi a única que veio com sete anos ai disse assim **“ah! Está pensando que não estou vendo que a senhora pega as negrinhas para ficar capinando, fazer isso, fazer aquilo, não sei o que, não sei o que, eu estou prestando atenção”** (grifo meu) ela falava sabe? A gente era muito aberta, a gente não era acanhada, a gente fazia negócio, a gente vendia ovos, vendia leite, agente ia lá no barco comprava, fazia compra, agente não foi uma pessoa assim matuta, meu pai ele ensinava a gente, quando vocês saírem... (depoimento de uma professora da época,).

As tensas relações raciais entre negros e não-negros na região do Guaporé não foram diferente das protagonizadas no nordeste, sudeste e sul do Brasil: o discurso, os olhares, os enfrentamentos configuraram nas dinâmicas às quais a sociedade guaporeana constituía-se.

#### **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As primeiras professoras que atuaram na instrução pública no Vale do Guaporé foram protagonistas de uma ação educadora. Através dos relatos, muitas ainda estão presentes: fortes, lúcidas e persistentes nas vivências das localidades ao longo dos rios Guaporé e Mamoré contribuindo com suas falas, seus exemplos, suas experiências que foram constituídas num ato de desbravamento do outro lado do extremo oeste brasileiro no decorrer do século XX, reinventando suas práticas, utilizando o espaço natural, os diálogos com os transeuntes que visitavam as localidades, trocando suas experiências e seus saberes.

Para essas professoras, Dom Rey teve uma presença marcante ao efetivar os canais de construção da educação para a sociedade guaporeana, as luzes da educação e a formação intelectual daquela população.

#### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA**

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos*. Ed. 3. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

CARAVITA, Adriana; ARRUDA, Dom Luiz Gomes de. *Dom Rey – Primeiro bispo de Guajará-Mirim: Centenário de seu nascimento – 1902 – 2002*. São Paulo. 2002.

CUNHA, L. N. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934. In: ROMÃO, J. (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília. Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 221-238.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil. – 1917 – 1945*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006. 400 p.

GOMES. Nilma Lino, *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES. P. de A. *A educação escolar no Território Federal do Guaporé*. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado História da Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

GONÇALVES, Marlene. *Viva Bela Verena: a saga de uma professora negra na memória de uma comunidade da mesma cor*. Ceilândia, DF: Idea editora, 2000. 126 p.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir. História da Violência nas Prisões*. ed. 13. Tradução RAMALHETE, R. Petrópolis: Vozes, 1996.

MUNANGA. Kabengele, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo, Editora Contexto, 2007. 190 p.

SOUZA, Neusa SANTOS. *Tornar-se Negro-se ou: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88 p.